



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## NO LIMAR DO SÉCULO XXI, SEGREDOS BEM GUARDADOS: MEMÓRIA E TRADIÇÃO NA COZINHA DE SANTO

Luciano Lima Souza\*  
(UESB)

Marcello Moreira\*\*  
(UESB)

### RESUMO

O objetivo do presente escrito é apresentar uma reflexão acerca dos conceitos de Memória Coletiva e Memória Religiosa, tendo como princípios norteadores a concepção do sociólogo Maurice Halbwachs (2004; 2006) e utilizando a cozinha de santo como o exemplo de espaço religioso de transmissão de saberes, ritos, mitos e tradição das religiões de matriz africana, aqui denominado candomblé, como fio para estabelecer a trama do diálogo entre os textos aqui utilizados. Assim, a cozinha de santo se coloca, então, como um espaço da memória de um grupo, onde os segredos são guardados e transmitidos de geração para geração, bem como a memória revivida durante os rituais ali processados para perpetuação da Memória Religiosa do grupo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória Coletiva. Memória Religiosa. Tradição. Cozinha de Santo.

### INTRODUÇÃO

A questão da Memória Coletiva está intimamente relacionada com o problema heurístico das relações sociais e dos grupos humanos que se constituem como elemento primordial das reflexões deste escrito. Assim sendo, na perspectiva dos estudos da Memória, inaugurados por Halbwachs, essa temática elucida as questões que se relacionam com os percursos históricos dos grupos sociais, com a transmissão intergeracional de saberes, com ritos e com mitos, constituindo-se,

---

\* Discente do Programa de Pós-Graduação Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: lucianolimasouza@hotmail.com.

\*\* Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (2000). Atualmente é professor titular e docente do Programa de Pós-Graduação Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: moreira.marcello@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

assim, uma tradição específica que pode se ligar a grupos distintos, através da perpetuação daquela Memória.

Dessa forma, a Memória Coletiva pode ser entendida como maneira social de vivenciar as lembranças. Ela é estruturada em representações presentes e formada sob as lentes coletivas nas quais os sujeitos sociais compreendem sua realidade e a revivem em relação ao passado.

Desse modo, ao relacionar Memória Coletiva com grupos singulares, observa-se uma categoria a ser analisada dentro deste conceito que se chama Memória Religiosa. Essa tipologia destaca-se por ter sua estrutura dentro de um contexto tempo-espacial que se reafirma através de símbolos e de mitos que se constituem numa rede de interações desse grupo. Em outros termos, observa-se um conjunto de representações da coletividade religiosa, aqui tratado de Candomblé, religião de Matriz Africana, formada no bojo das relações sociais brasileiras, com seu universo e complexo cultural ricos e que desafiam os estudiosos dentro das Ciências Humanas e Sociais.

Além do mais, o Candomblé possui peculiaridades em que a questão do tempo e do espaço, no caso específico da cozinha de santo, passam a constituir mecanismos de vivência da Memória Religiosa que se imbricam em tradições legítimas que representam as formas de concepção de mundo do grupo. Tais tradições, desse modo, são estruturas sociais que sustentam as memórias do grupo e são vivenciadas coletivamente por este mesmo grupo, no seu processo de autoafirmação. Assim sendo, tem-se o seguinte problema a orientar essa reflexão: Como a cozinha de santo se constitui em espaço de perpetuação de memória e tradição religiosas nas religiões de matriz africana?

A metodologia empregada para responder à problemática é a reflexiva, tomando como princípio norteador o pensamento do sociólogo Maurice Halbwachs (2004; 2006) sobre Memória Coletiva e Memória Religiosa e utilizando-se do exemplo da cozinha de santo como espaço religioso de vivência, de transmissão de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

saberes, de ritos, de mitos e de tradição das religiões de matriz africana e assim estabelecer o diálogo proposto.

O texto está dividido em três partes: na primeira parte destacam-se as reflexões sobre Memória Coletiva e Memória Religiosa; em seguida discute-se sobre a sua relação com a tradição do candomblé e sua constituição; por fim, analisa-se a cozinha de santo como espaço privilegiado de transmissão de saberes, ritos, e mitos coletivos daquele grupo.

Ao refletir sobre Memória Coletiva, deve-se levar em conta sua concepção enquanto estrutura derivada de um grupo social, que funciona coletivamente e está relacionada ao contexto social e cultural de uma coletividade. Desse ponto de vista o que se chama de Memória Coletiva é uma das partes dos mecanismos de concepção do mundo e da realidade do grupo, situado em um espaço determinado. Dessa maneira:

Não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço - o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir - que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça (HALBWACHS, 2006, p. 170).

Assim sendo, tal como a Memória Coletiva, a Memória Religiosa funciona ligada ao espaço físico, pois como afirma Halbwachs (2006), as religiões se formam ligadas ao local, porque é algo que não muda constantemente. Esta estabilidade concede a diversos grupos a possibilidade de distribuir suas ideias, símbolos e pensamentos em diversas partes do espaço que ocupa: “somente o espaço é estável



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes" (HALBWACHS, 2006, p. 189). Esse espaçamento se constitui em mecanismos de transmissão de saberes, ritos, e mitos coletivos do grupo.

Quando entra numa igreja, num cemitério, num lugar santificado [na cozinha de santo], o fiel sabe que ali voltará a encontrar um estado de espírito que já experimentou e, com outros crentes, reconstituirá, ao mesmo tempo que uma comunidade visível, um pensamento e lembranças comuns – as mesmas que se formaram e foram sustentadas em épocas anteriores, nesse mesmo lugar (HALBWACHS, 2006, p. 182).

Desse modo, os espaços santificados são locais privilegiados para o desenvolvimento da Memória Religiosa, onde o grupo, além de se reunir, estabelece uma separação com os espaços profanos (HALBWACHS, 2006). A cozinha de santo no Candomblé está inserida nesse contexto para atender às necessidades do culto e perpetuar as tradições e os pensamentos do grupo religioso do Candomblé.

Além da categoria espacial, a Memória Religiosa se forma considerando, também, a categoria temporal: passado, presente e futuro, permitindo a vivência de acontecimentos, fatos e lembranças através de ritos, mitos, saberes e tradições transmitidas de geração para geração dentro de um grupo.

A memória do grupo religioso, para se proteger, pôde impedir durante certo tempo que outras memórias se formassem ou se desenvolvessem ao redor dela. Tem triunfado com dificuldades perante as religiões passadas, memórias bem longe de seu propósito e que há muito tempo não viviam para elas mesmas: incorporou tudo aquilo que podia ser assimilado, ou seja, o mais recente e o que havia nascido, em outras palavras, o que



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

era de seu manifesto [...] (HALBWACHS, 2004, p. 228-229 tradução nossa).

Portanto, ao relacionar a formação e funcionamento da Memória Coletiva com a Memória Religiosa, observa-se que esta segue as mesmas leis daquela, pois não se trata de uma mera conservação de fatos e lembranças passadas, mas a vivência de um grupo que no presente utiliza-se dos espaços sagrados para reconstruir em consonância com as impressões da realidade presente, o passado. Assim:

[...] a Memória Religiosa pretende se desvincular da sociedade temporária, obedece às mesmas leis de toda a memória coletiva: não conserva o passado, o reconstrói, com a ajuda de restos materiais, rituais, textos, tradições que esse mesmo passado havia deixado, mas também com a colaboração dos recentes dados psicológicos e sociais, em outras palavras, com o presente (HALBWACHS, 2004, p. 260 tradução nossa).

Posto isto, reafirma-se que a Memória é movimento, é continuidade, é dinâmica. Como algo atual, ela não se finda no passado, mas aponta para o futuro pela tradição e pela experiência vivida no presente. A memória não existe sem experiência.

Assim sendo, observa-se que a Memória como experiência se perpetua através das gerações, tendo como fulcro o espaço e o tempo, formando então uma tradição pertencente ao grupo. “A palavra tradição vem do latim: *traditio*, e significa precipuamente entregar, designa o ato de passar algo para outra pessoa, ou de passar de uma geração a outra geração (BORNHEIN, 1997, p.18). No entanto, o objetivo da tradição é conceder àquele uma segurança e um norte. Com a tradição, o grupo sabe de onde veio, o que faz e para onde irá. Desse modo: “A Tradição se pretende, assim, uma grande segurança - nós estamos na própria segurança, vivemos numa resposta e estamos assegurados nela, nós somos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

organizados pela tradição, ela é nosso princípio” (p.18). Em outras palavras, na tradição encontra-se o sentido da existência do grupo, ele permanece porque está unido no espaço e no tempo:

A tradição, em suma, contribui de maneira básica para a segurança ontológica na medida em que mantém a confiança na continuidade do passado, presente e futuro, e vincula esta confiança a práticas sociais rotinizadas (GIDDENS, 1991, p.95).

Por isso, a tradição ultrapassa o propósito de uma mera transmissão de conhecimento, ela propicia inter-relação de valores entre as gerações sucedâneas, pois constitui um complexo cultural vivo e representativo dentro de um grupo.

Tradição pode, assim, ser compreendida como o conjunto dos valores dentro dos quais estamos estabelecidos; não se trata apenas das formas do conhecimento ou das opiniões que temos, mas também da totalidade do comportamento humano, que só se deixa elucidar a partir do conjunto de valores constitutivos de uma determinada sociedade (BORNHEIN, 1997, p.20)

Ademais, além de constituir um complexo cultural, conjunto de valores do grupo, a tradição funciona dentro de esquemas comportamentais previsíveis e típicos denominados rituais. “O ritual tem frequentemente um aspecto compulsivo, mas ele é também profundamente reconfortante, pois contém um conjunto dado de práticas com uma qualidade sacramental” (GIDDENS, 1991, p.95). Tais rituais se elaboram sacramentando os momentos específicos e dando sentidos às representações que a elas dizem respeito, tais como as formas de cozinhar, rezar, oferecer, cantar e dançar nas religiões de Matriz Africana. Assim, no Candomblé, a tradição se faz dentro de um universo simbólico, um complexo cultural que se concretiza no espaço e no tempo, revivendo a Memória Religiosa e resgatando os valores, saberes, ritos e mitos dos antepassados.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A tradição religiosa do Candomblé é constituída a partir da Memória Religiosa que rende culto aos Orixás e ancestrais. Trazida da África por negros escravizados, tal tradição se faz viva na Memória Religiosa, por meio dos afro-descendentes, num processo contínuo e pujante em que o “conjunto de conhecimento forma um acervo e um patrimônio transmitido de geração a geração, possibilitando a continuação da crença nos ancestrais” (BARROS, 2010, pp. 58-59).

Dessa maneira, como afirma Póvoas (2007), o afro-descendente possui memória que é vivenciada na tradição do Candomblé: “E o rosário de memórias é desfiado, conta por conta de foi-assim. O povo de candomblé é verdadeiro repositório de suas origens, de sua história” (p. 267). Assim, a tradição religiosa no Candomblé se faz em um processo intergeracional, passando dos mais velhos para os mais novos de uma forma oral: “Os mais-velhos fazem o papel de transmissores da cultura, do conhecimento e da sabedoria” (p. 318). Por isso, no Candomblé, senioridade (que pode ou não corresponder à idade cronológica/biológica do membro do grupo) é posto, status e autoridade que ensina ao mais novo, que perpetua a tradição.

A Tradição afro-brasileira é um processo permanente de civilização, de cultura. Não é um produto pronto e acabado, cozinhado nos caldeirões das senzalas coloniais. Assim como a grande sociedade brasileira é oriunda do desempenhar de papéis de inúmeros atores sociais, assim também a Tradição é gestada num processo perene de elaboração, a partir dos vários extratos que, um dia, começaram a modelá-la (PÓVOAS, 2007, p.323).

Por outro lado, a tradição está contida dentro da Memória Religiosa do Candomblé que funciona em uma relação de permanente interconexão entre tempo e espaço. Ou melhor, a tradição religiosa do Candomblé funciona dentro de um espaço religioso, denominado Terreiro de Candomblé: “Ocupações de espaços por construção, sinalização, complementação e inter-relação de espaços com a



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

natureza circundante ou natureza simbolizada fazem o eixo principal que é o de ordem e expressão religiosa” (LODY, 2003, p.29).

Ora, no espaço físico acontece o processo intergeracional da Memória Religiosa do Candomblé. É o local da vivência e transmissão, dos conflitos e das resoluções dos problemas do grupo. A cultura está viva, é forte, pulsa e mantém-se como patrimônio do grupo:

Lugar para onde está voltada a memória, onde aqueles que viveram a condição-limite de escravo podiam pensar-se como seres humanos, exercer essa humanidade, e encontrar os elementos que lhes conferiam e garantiam uma identidade religiosa diferenciada, com características próprias, que constitui um ‘patrimônio simbólico do negro brasileiro (a memória cultural da África), afirmou-se aqui como território político-mítico-religioso, para sua transmissão e preservação’(SODRE, 1998, p.50 *apud* BARROS, 2010, p.27).

No terreiro, a Memória Religiosa se atualiza em todo momento, porque é formada nos processos que se imbricam numa miscelânea de elementos atemporais, ou melhor, que representam o passado de uma forma viva, e atual:

No Brasil, esta organização reflete-se na relação espacial dos territórios, onde as casa-dos-orixás corresponderiam idealmente às antigas cidades, e, ao nível ideológico, constitui-se em um processo de síntese que orientou a liturgia das comunidades (BARROS, 2010, p.30).

Em síntese, a tradição religiosa do candomblé foi passada de geração à geração e se amalgamou em ritos litúrgicos ricos e complexos que sobrevivem até hoje graças à vivência da Memória Religiosa de grupos onde o tempo e o espaço apresentaram-se como elementos fundamentais da herança cultural do grupo, orientando-se no presente para o futuro:



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A casa, portanto, é o lugar da memória, das origens e das tradições, onde, além de se preservar uma língua ancestral, na qual são entoados os cantos e as louvações, se celebra a vida de uma maneira muito particular, isto é, daqueles que decidiram, juntos, vivenciar uma visão de mundo comum, com regras específicas de convivência, baseadas no parentesco mítico, no princípio de senioridade e na iniciação religiosa (BARROS, 2010, p.31).

Portanto, o terreiro de Candomblé é uma casa com diversas composições onde se plantam os axés, os rituais são elaborados, as identidades pessoais demarcadas, os mitos narrados, as rezas ditas, as danças apresentadas, os temperos pilados e as comidas cozidas.

Dessa maneira, o espaço como elemento fundamental da Memória Religiosa e da tradição corrobora para a afirmação do grupo. No entanto, este espaço se subdivide em outros, delimitando as especificidades no qual a tradição é fortificada e transmitida. Os espaços da reza, da dança, da alimentação são, por si, espaços de memória, espaços de tradição: “O imaginário da alimentação está integrado a atividades profissionais, rituais lúdicos, formas religiosas, manifestações do teatro e da dança, entre outros momentos coletivizados” (LODY, 2003, p. 28). A memória ancestral emerge nos espaços dos terreiros de Candomblé como catalisadora do grupo, constituindo-se, dessa maneira, esses espaços em espaços de interconexão entre as gerações, em espaços coletivos de perpetuação da Memória Religiosa:

Local onde se comemora descendência e tradição e, vivenciar esta dupla instância, é aprender a difícil tarefa de viver em comunidade, respeitar a diferença e partilhar a certeza do caminho que só o coletivo conduz (BARROS, 2010, p.108).

Assim, a cozinha de santo, um espaço privilegiado da tradição religiosa do candomblé, se apresenta como o local de vivência e do reavivamento ancestral da



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

cosmogonia africana, trazida e vivida até hoje. Assim, os mais velhos transmitem os segredos bem-guardados em forma de saber, de ritos e mitos.

Não se trata de voltar à África, mas fazer com que a comida se faça *africana*, ou seja, remonte a histórias e passagens, visões de mundo associadas aos ancestrais, princípios universais ou antepassados, aos primórdios dos tempos quando estes fundaram a humanidade, constituíram as cidades e criaram os diferentes grupos. Visões de mundo juntadas a inúmeras outras experiências históricas constituídas no Novo Mundo é este fazer que faz com que tal comida seja comida de santo (SOUSA JÚNIOR, 1999, p. 340)

A cozinha do terreiro é o espaço da memória, do sagrado, bem como das mais profundas reverências, dado as perspectivas do culto no Candomblé que exige respeito, preceito e segredo: “Materiais, quantidades, escolhas de temperos, modos de fazer, momentos do fazer e momentos do oferecer auferem a cada alimento valor de origem (LODY, 2003, p. 28)”. O sagrado está totalmente presente, nos gestos, nas formas e temperos. Ele está secretamente disponível a poucos que conseguem penetrar com a devida autorização e aprender com humildade. Em síntese, é o espaço dos segredos bem guardados:

A cozinha não é feita unicamente por mãos peritas; a cozinheira nela põe, com suas mãos, também o coração - como o diz - Isto é, seus complexos, traumatismos, recalques e pensamentos secretos. Se ela não permite que estranhos penetrem no local de seu trabalho, não é apenas por ser ele um santuário do qual ela é a sacerdotisa, e a cozinha uma religião da qual ela celebra o ritual. É também porque ela aí está inteiramente nua (BASTIDE, 1951, p. 21 *apud* SOUSA JÚNIOR, 1999, pp.327-346).

Na cozinha de santo, histórias são contadas, receitas trocadas, ensinamentos e valores são comunicados. A cozinha de santo como espaço da tradição e do culto aos orixás se amplia, quando necessário, a grupos externos, em



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

forma de herança cultural, como centrípeta ação de divulgação do axé, da memória, dos saberes, dos sabores e da cultura de matriz africana vivenciada pelos afro-brasileiros.

O restante do alimento será consumido no fim da cerimônia pelos fiéis, e até mesmo pelos simples visitantes. Foram essas descendentes de africanas que mantiveram assim ao longo do tempo a cozinha religiosa africana, a qual, penetrando na cozinha profana, passou em seguida dos santuários para as salas de jantar burguesas, construindo uma das glórias da Bahia (BASTIDE, 2001, p.32).

A cozinha de santo é um microcosmo do terreiro, segue a hierarquia, o mais velho, ou melhor, a mais velha, *iabassê*, coordena as atividades. Ela é a consagrada para tal atividade, um posto feminino, gestado no mais profundo segredo. A ela é dada a dignidade de agradar as divindades, sabe cada tempero e sua porções, as proibições, os ritos e mitos que justificam sua função.

Mas a cozinheira, que se chama *iabassê*, e que naturalmente não deve nesse momento estar menstruada, não se limita a preparar o animal sacrificado; cozinha também tantos pratos quantos forem os deuses chamados no decorrer da cerimônia, o *amalá* de Xangô, o *xinxim* de galinha de Oxum, o arroz sem sal de Oxalá etc. Alimenta então sucessivamente as diferentes pedras sagradas (BASTIDE, 2001, p.32).

Ora, se na cozinha a mulher tem a função principal da tradição, é ela a detentora do saber e intermediadora dessa transmissão. Ou melhor, guardiã da tradição religiosa do Candomblé. A mulher é baluarte das relações intergeracionais, agente da Memória Religiosa, em que os grupos das religiões afro-brasileiras conseguiram sobreviver até hoje:

Na comida de Orixá, os procedimentos rituais encontram-se fundamentados nos ensinamentos das pessoas que plantaram,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

fundaram, iniciaram, reorganizaram o culto dos Orixás no Brasil. E que, certamente, não prescindiram do limite do seu tempo (SOUSA JÚNIOR, 1999, p. 344)

Portanto, o espaço da cozinha se faz como parte fundamental da tradição religiosa do candomblé. É o espaço que vai além dos limites do terreiro, penetra no imaginário e se fortalece como *locus* do saber, dos ritos, mitos e tradição. Espaço que liga passado, presente e futuro.

## CONCLUSÕES

A cozinha de santo no Candomblé se constitui como espaço de Memória Religiosa, porque traz consigo especificidades que envolvem a problemática do tempo e do espaço, onde a tradição cimenta as relações que constituem o grupo e sua perspectiva e representações de si e do mundo.

Assim, as representações se ligam à tradição que é formada a partir das relações intergeracionais e é mola propulsora no processo de auto-afirmação e legitimação, tendo como finalidade vivenciar/reviver a Memória Religiosa. Ora, tal Memória se evidencia num contexto de tempo-espaço por meio de símbolos, de mitos e de ritos, formando inter-relações culturais complexas e vivas no grupo religioso.

Dessa forma, a cozinha de santo é espaço de Memória Religiosa e constitui um microcosmo das representações da coletividade religiosa no Candomblé. Nela se faz presente a Memória da África atualizada, viva, pulsante, desdobrando-se em um complexo cultural com influências na matriz da cultura brasileira hodierna: culinária, representações, formas de conhecimento e saberes, bem como costumes, língua e ética.

Por fim, a cozinha de santo, como espaço da tradição e da Memória Religiosa do grupo está contida no todo da Memória Coletiva, pois é compreendida como



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

vivência do grupo e suas perspectivas de passado, de presente e de futuro. As lentes coletivas do grupo que possibilitam ao indivíduo compreender a realidade e reviver as relações sociais. Por isso, a cozinha de santo transcende sua função “cozinhar”, torna-se local dos segredos, ou seja, espaço de memória onde, no limiar do século XXI, os segredos bem guardados são perpetuados, através da memória e da tradição religiosas por aqueles que resistiram e resistem às perseguições e preconceitos.

## REFERÊNCIAS

BARROS, José Flávio Pessoa. **Na minha casa**: Preces aos Orixás e Ancestrais. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia**: Rito Nagô. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

BORNHEIN, Gerd A. O conceito de tradição. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Cultura Brasileira**: Tradição/Contradição. São Paulo: Zahar, 1997. pp. 15-29.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **Los Marcos Sociales de la memoria**. Barcelona: Antropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LODY, Raul. **Dicionário de Artes Sacras & Técnicas Afro-Brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Da Porteira Para Fora**: mundo de preto em terra de branco. Ilhéus: Editus, 2007.

SOUZA JÚNIOR, Vilson C. A cozinha e os Truques: Usos e abusos das mulheres de saia e do tipo do azeite. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson (org.). **Faces da tradição afro-brasileira**: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. Rio de Janeiro:  
Palla; Salvador: CEAO, 1999.